

M 241
CM 26.7.53
DN 1.8.48
Radio ME 15.6.63
DN 29.1.67
DN 23.9.69
RN 248

O ESPANHOL DA LAPA

RUBEM BRAGA

Ir para Copacabana já não tinha o menor sentido; seria regressar à idade moderna. Como dar adeus às sombras amigas, como deixar os fantasmas cordiais que se tinham abancado em volta, ou de pé, e em silêncio nos fitavam?

Era melhor cambaleiar pela triste Lapa. Mas então aconteceu que os fantasmas ficaram lá embaixo, quando subimos a escada. E dentro de meia hora chegamos à conclusão de que o meu amigo é que era um fantasma. A mulher que dançava um samba começou a fitá-lo, depois veio, depois chamou outras. Nós somos pobres, e a dose de vermute é cara. Como dar de beber a todas essas damas que rodeiam o amigo? Mas elas não querem beber vermute; bebem meu amigo com os olhos e perguntam seu nome todo. Fitam-no ainda um instante, reparam na boca, os olhos, o bigode, e se retiram com um ar de espanto; mas a primeira mulher fica, apenas com sua amiga mais íntima, que é mulata-clara e tem um apelido inglês.

Em que cemitério dorme, nesta madrugada de chuva, esse há anos finado senhor de nacionalidade espanhola e província galega? Esse que vinha toda noite e era amigo de todas, e amado de Sueli? Tinha a cara triste, nos informam, igual a ele, mas igual, igual. Então meu amigo se aborrece; nem trabalha no comércio, nem é espanhol, nem sequer está morto, embora confesse que ama Sueli. Elas continuam; tinha a cara, assim, triste, mas afinal era engraçado, e como era bom. E até aquele jeito de falar

olhando a pessoa às vezes acima dos olhos, na testa, nos cabelos, como se estivesse reparando uma coisa. Trabalhava numa firma importante e um dia um dos sócios esteve ali com ele, naquela mesa ao lado, e disse que quando tinha um negócio encenado com algum sujeito duro, mandava o espanhol, e ele resolvia. Sabia lidar com pessoas; além disso bebia e nunca ninguém pôde dizer que o viu bêbado. Só ficava meio parado e olhava as pessoas mais devagar. Mais de dez mulheres acordaram cedo para ir ao seu entêrro; chegaram, tinha tanta gente que todos ficaram admirados. Homens importantes do comércio, e família, e môças, e colegas de firma, automóvel e mais automóvel, meninos entregadores em suas bicicletas, muita gente chorando, e no cemitério houve dois discursos. Até perguntaram quem era que estavam enterrando. Era o espanhol.

Sueli e Betty contam casos; de repente o garçom repara em meu amigo, e pergunta se ele é irmão do espanhol. Descemos. Quatro ou cinco mulheres vêm nos trazer até a escada, ficam olhando. Eu digo: estão se despedindo de você, isto é seu entêrro. Meu amigo está tão bêbado que sai andando na chuva e falando espanhol e some, não o encontro mais. Fico olhando as árvores do Passeio Público com a extravagante idéia de que ele podia estar em cima de alguma delas. Grito seu nome. Ele não responde. A chuva cai, lamentosa. Então percebo que na verdade ele é o espanhol, e morreu.

M 581 8-6-63